

Meio Ambiente em Pauta – Série de Reportagens em Radiojornalismo: Quatro Focos Sobre A Questão Ambiental em Santa Maria¹

Alice BALBÉ²
Laís BOZZETTO³
Letícia SARTURI⁴
Maitê VALLEJOS⁵
Gilson PIBER⁶

Centro Universitário Franciscano – Unifra, Santa Maria, RS.

RESUMO

O presente trabalho é o resultado do Projeto de Experimental em Radiojornalismo do Centro Universitário Franciscano, de Santa Maria, Rio Grande do Sul. São quatro reportagens com temáticas ambientais que apresentam problemas e iniciativas positivas para despertar a consciência ecológica no município.

PALAVRAS-CHAVE: Rádio; Meio Ambiente;

INTRODUÇÃO

Os olhos do mundo têm se voltado de forma crescente aos problemas ambientais. A proporção das catástrofes toma dimensões maiores como o vazamento de óleo no Golfo do México, tsunamis, tempestades de areia nas cidades, vendavais e enchentes que destroem municípios. Os noticiários trazem “manchetes de capa” com esses assuntos. Mas ainda é preciso uma preparação e compromisso maior dos profissionais da comunicação, apesar de existir veículos especializados para tratar deste assunto, como a revista Planeta, é preciso que a mídia aborde de forma mais abrangente as questões ambientais não só nas tragédias.

Pensando nisso, através da disciplina de Projeto Experimental em Rádio do Centro Universitário Franciscano, em Santa Maria, no Rio Grande do Sul, no qual precisávamos criar um programa radiofônico, escolhemos produzir uma série de

¹ Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídia Sonora, no X Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação, 7º semestre do Curso de Jornalismo da UNIFRA, e-mail: alicedb.jornal@gmail.com

³ Estudante de Graduação, 7º semestre do Curso de Jornalismo da UNIFRA, e-mail: laliyss@hotmail.com

⁴ Estudante de Graduação, 8º semestre do Curso de Jornalismo da UNIFRA, e-mail: leticia.sarturi@yahoo.com.br

⁵ Estudante de Graduação, 8º semestre do Curso de Jornalismo da UNIFRA, e-mail: maitevallejos@hotmail.com

⁶ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da Unifra, email gilsonunifra@unifra.br

reportagens que abordem tal temática. Visto que esta a abordagem desse conteúdo é amena em comparação aos demais veículos.

A reportagem, como o próprio nome diz, é o tipo de produção radiojornalística que mais privilegia a participação do repórter. Por conta disso, o locutor apenas abre a matéria (apresenta o lide) e a divulgação do restante do material fica totalmente a cargo do repórter. A reportagem finalizada terá duas partes fundamentais: a) Cabeça: Início da reportagem onde o repórter vai situar o assunto antes de entrar com o entrevistado; b) Entrevista: Trechos principais da fala do entrevistado, entremeados por ganchos apresentados pelo repórter. E um complemento chamado pé, uma finalização da matéria em que o repórter dá uma última informação e assina a reportagem.

A deficiência de alternativas sustentáveis comparadas com o porte da cidade e a gravidade da situação nos motivaram a buscar exemplos santa-marienses de problemas ambientais e formas positivas que possam ser exploradas pela comunidade. Além disso, diante da importância e crescimento de tal tema, entendemos que é necessário compreendê-lo de forma mais específica.

A partir de um levantamento de problemas antigos no município, optamos por trabalhar em cima de temas relacionados com a água, como economia e a incidência de alagamentos e enchentes que afetam o município e distritos como o Passo do Verde, com o descarte de óleo de cozinha e o sistema de recolhimento do lixo produzido pelo comércio da cidade. Desta forma apontamos problemas e algumas sugestões de como viver em harmonia com a natureza, visando criar uma consciência ecológica na sociedade.

O tempo do programa “Meio Ambiente em Pauta” é de 20 minutos, sendo que cada reportagem tem em média cinco minutos. Nosso trabalho tem a intenção de ilustrar através de quatro reportagens produzidas no rádio, problemas e alternativas positivas relacionadas ao meio ambiente na cidade de Santa Maria.

Nosso estudo é voltado ao público ouvinte de emissoras com frequência AM da cidade, devido a maior abrangência nas comunidades locais. Por meio da coleta de dados, entrevistas e percepções pessoais produzimos e gravamos a série de reportagens que retratam as questões ambientais propostas.

O RÁDIO E SEU PAPEL PROPAGADOR: O PODER DA INFORMAÇÃO

A vida urbana, que exige que o indivíduo passe quase o dia todo fora de casa, leva-o a procurar informação e entretenimento no rádio. Ele procura contato com o mundo de uma forma que não precise utilizar as mãos, ocupadas com as tarefas profissionais ou com o volante; quer ouvir o outro, além dos barulhos da paisagem sonora (SCHAFER, 2001) da cidade. Ligando-se ao veículo, liga-se à vida (MACHADO, 2009, p. 5, grifo nosso).

A citação acima revela que uma das principais características do rádio faz desse veículo de comunicação um diferencial no cotidiano. As pessoas têm cada vez menos tempo para realizar suas tarefas, informar-se e até mesmo se divertir. Em uma sociedade marcada pelo ritmo dos ponteiros do relógio, é a praticidade do rádio que o torna popular não só como forma de entretenimento como na disseminação de notícias.

Um benefício favorecido por outras especificações como a instantaneidade e rapidez. Duas características que conforme Prado (1985, p.17) “contribuem assim para fazer do rádio o melhor e mais eficaz meio a serviço da transmissão de fatos atuais”. Assim, alicerça-se em três bases: atualidade, instantaneidade e imediatismo. Um fluxo informativo onde a notícia é a que está acontecendo, é transmitida e recebida no momento que ocorre.

O meio de comunicação se transforma em um instrumento essencial na formação de grupos sociais. Ele é compreendido como fonte de produção e estímulo intelectual, onde não basta apenas informar, mas também fazer refletir sobre o tema.

No Rio Grande do Sul, conforme a Associação Gaúcha de Emissoras de Rádio e Televisão (Ajert) são mais de 170 veículos radiofônicos AM e FM. A cidade de Santa Maria, localizada no interior do Rio Grande do Sul, possui, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)⁷ cerca de 269 mil habitantes que são contemplados com as informações transmitidas pelas 13 rádios locais. Dados que revelam o impacto da notícia desse gênero jornalístico na população, não só por suscitarem ações, como atingirem diversas classes sociais.

É importante frisar que, quando se fala em comunicação, estamos nos referindo a uma iniciativa de se propor vínculos com o outro, de interagir com o outro no sentido de mover alguém a ouvir, a prestar atenção às mensagens que colocamos no mundo (...) Comunicação não se dá, então, só pela emissão de mensagens, mas no momento em

⁷ <http://www.ibge.gov.br/home/>. Consulta em 13 de abril de 2010.

que alguém aceita, apreende se atenta para o conteúdo que disponibilizamos no mundo (MACHADO, 2009, p. 3).

O posicionamento e o papel estabelecido pelo rádio na propagação dos conhecimentos é uma forma de educação desses setores sociais. Ao ter o controle da informação e torná-la pública, estimula discussões a cerca dessa. Trata-se de suscitar questões em um campo de debates, representado pela sociedade. Ele vai além do informar e acaba provocando questionamentos sobre os temas apresentados, independente do público.

Segundo Prado (1985) o rádio possui a capacidade de ser entendido por um público misto, isto é, diversificado. Esta é uma particularidade positiva, pois não requer que o público-alvo tenha um conhecimento especializado para decodificar e receber a notícia independente da condição, o que condiciona um processo educativo.

Em outras palavras, podem induzir o aumento da capacidade reflexiva, pois oferecem uma multiplicidade de saberes constituindo uma nova realidade perceptiva e cognitiva para o indivíduo das formações contemporâneas (SETTON, 2009, p. 1).

O poder de mobilização do rádio pode ser percebido na história. Um dos fatos mais lembrados envolvendo o veículo é a peça radiofônica da Guerra dos Mundos, transmitida nos Estados Unidos, em 30 de outubro de 1938. Na época a rádio Columbia Broadcasting System (CBS), adaptou a obra escrita pelo inglês H.G. Wells, onde centenas de marcianos invadiam a Terra (MACHADO, 2009).

O episódio gerou pânico no país norte-americano e revela o quanto o rádio é envolvente na vida das populações. Algo que, conforme Machado, foi percebido pelo governo militar e usado como “instrumento de integração nacional”, pois propagou ideais pelo Brasil.

E foi por esta característica, também, que o rádio venceu a derrocada comercial, passando pela ditadura com a exploração do filão da música de qualidade, trazida pela tecnologia da Frequência Modulada (FM), e chegou aos anos 80 firme, para se fortalecer, novamente, com o novo período de valorização da informação jornalística e dos movimentos populares (MACHADO, 2009, p. 5).

Hoje o veículo radiofônico continua atuante na sociedade. Apesar de ceder espaço nos lares brasileiros para a televisão, está presente em outras situações do dia-a-

dia, principalmente por poder assumir o papel de educador, e do seu caráter atual e imediatista. De acordo com Setton, tal meio possibilita a “comunicação e integração político-informativa”, pois universaliza o acesso e criam “uma tradição como veículos de educação à distância” capazes de atingir qualquer extensão territorial a baixos custos.

A PREOCUPAÇÃO COM O MEIO AMBIENTE E O PODER DA COMUNICAÇÃO NA FORMAÇÃO DE OPINIÃO

A temática ambiental está em ascensão. O assunto torna-se cada vez mais evidente, passa a ser foco dos meios de comunicação, e conseqüentemente, tema de discussão pública e motivo de preocupação política. Preocupação esta que surgiu nas últimas décadas do século XX, com uma crise de civilização, quando novas organizações da sociedade civil interessaram-se em um modo de relacionar a sociedade e a natureza.

De alguns anos pra cá, houve um grande aumento no número de ONGs no Brasil, principalmente em função do período ditatorial, onde começaram a surgir movimentos organizados visando os problemas político-sociais, ocorrido no país até a década de 80 e onde começaram os movimentos sociais visando à luta por seus ideais. Mas qual seria a definição de ONG? De acordo com um estudo realizado pela consultoria do Senado Federal em 1999, ONG é:

Um grupo social organizado, sem fins lucrativos, constituído formal e autonomamente, caracterizado por ações de solidariedade no campo das políticas públicas e pelo legítimo exercício de pressões políticas em proveito de populações excluídas das condições da cidadania⁸.

No entanto, de acordo com Aguiar (2004), nem entre os próprios membros dessas ONGs existe uma definição certa, devido a três fatores: natureza multidimensional, interdisciplinar inseparável na literatura a seu respeito e a variedade, devido ao engajamento a diversas atividades e setores.

Dentre tantos setores, as que mais têm ganhado o foco da mídia são as ONGs ambientalistas. O ambientalismo se caracteriza pela defesa do meio ambiente. Ele tem como objetivo analisar e construir medidas para que os problemas detectados sejam

⁸ http://www2.abong.org.br/final/livre.php?cd_materia=18034 Consulta dia 25 de abril.

sanados. Um dos principais eventos já ocorridos que tratava dos problemas do planeta e visava uma maneira de sobreviver sem destruir a natureza, foi o ECO - 92, Conferência realizada em 1992 no Rio de Janeiro. O principal fruto desse evento foi à chamada Agenda 21, que visa à preservação dos recursos naturais para o desenvolvimento sustentável, com o homem como eixo principal para essa ação.

No capítulo 40 da Agenda 21, os países que participaram da ECO - 92 assinaram o compromisso de criar esquemas inovadores para subsidiar o acesso à informação de caráter ambiental sempre que existam impedimentos econômicos ou de outro tipo que dificultem a oferta de notícia e o acesso a ela, particularmente nos países em desenvolvimento.

O que ocorre é que todos os apelos da Conferência para que o Governo Federal assumisse sua responsabilidade para assegurar a democratização da informação ambiental no Brasil não resultaram em nenhuma medida prática, a não ser a criação de um grupo de trabalho, no âmbito do Ministério do Meio Ambiente, que não conseguiu sair do papel. O Fundo Nacional do Meio Ambiente (FNMA), por exemplo, apesar de assumir o caráter demonstrativo dos projetos que financia falha enormemente em não assegurar recursos, seja institucionais, seja nos próprios projetos para divulgação dos resultados alcançados pelos projetos que financia.

Este panorama nos dá a dimensão da importância da informação para as instâncias ambientalistas. A democratização da informação ambiental é fundamental para o exercício pleno da cidadania crítica e participativa, pois quando as pessoas, o povo, ou as organizações conseguem perceber a causa dos problemas ambientais que sofremos hoje, já é possível dar um passo a frente.

Dados do Ministério do Meio Ambiente do ano de 2005, mostram que a conscientização do brasileiro em relação ao meio ambiente aumentou 30% nos últimos 15 anos, o que gerou aumento no número de ONGs, dedicadas à causa, criação de novas legislações ambientais e criação também de novos veículos especializados em meio ambiente, além de espaço para a pauta ambiental nos veículos da chamada Grande Mídia. Em artigo publicado no Observatório da Imprensa, Vilmar Berna (2010) coloca:

É aqui que cresce e assume importância estratégica a existência do jornalismo ambiental e de uma mídia ambiental alternativa, independente, que seja capaz de olhar a floresta além das árvores. Ao informar o público e alertar as pessoas sobre os perigos ambientais

que a cercam, esta imprensa tem desempenhado um papel vital, permitindo às pessoas recorrerem à ação para protegerem o meio ambiente.⁹

A partir do que escreve Berna, chegamos ao ponto crucial de nosso trabalho, pois através da produção de nossa série de quatro reportagens, colocamos em evidência a prática do jornalismo ambiental em Santa Maria, que se coloca como cidade carente de exposição midiática deste tema.

O HISTÓRICO DO RÁDIO NO BRASIL

No Brasil, o rádio foi implantado aos poucos. A primeira transmissão foi em 1922, durante as comemorações do centenário da Independência com o discurso do então presidente Epitácio Pessoa, o Rio de Janeiro, capital da república, sediou a transmissão. Mas foi no ano seguinte, em 20 de abril de 1923, que foi fundada a *Rádio Sociedade do Rio de Janeiro*, voltada à elite do país e mantida com doações.

A década de 40 foi o auge da propagação do rádio no Brasil, o período ficou conhecido como a “época de ouro do Rádio”. Foi nesse período também que surgiu o radiojornalismo com o *Repórter Esso* e a radionovela. Com a invenção do Transistor em 1947 a comunicação ficou mais ágil e foram feitas as primeiras transmissões ao vivo.

Nos anos seguintes, com o advento da televisão, o rádio perdeu seus personagens principais, a maioria dos artistas migrou para a nova mídia. Mas os ouvintes não abandonaram o veículo e mesmo com o advento da televisão continuam comprando os aparelhos radiofônicos. Segundo a pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o IBGE, de 2004, entre 2003 e 2004 o número de domicílios com rádio aumentou 2,9% enquanto que a televisão cresceu 3,5%. Outra pesquisa do mesmo ano revelou que 90,3% dos domicílios possuíam televisão e 87,8% o rádio.

HISTÓRICO DO RÁDIO EM SANTA MARIA

O Rio Grande do Sul teve sua primeira rádio um ano depois do funcionamento na capital da república. Em 1924, foi criada em Porto Alegre, a Rádio Sociedade Riograndense. Porém, a segunda emissora demorou dez anos para ser fundada, a Difusora Porto-alegrense. Já no ano seguinte, surge a terceira, a Rádio Farroupilha.

⁹ <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=579CID011>. Consulta 22 de abril de 2010.

Aos poucos, o interior também inicia sua propagação. A primeira rádio criada em Santa Maria foi a Imembuí em 1942. Hoje, Santa Maria tem treze rádios, cinco são de frequência AM : a Santamariense (630 KHz -12/04/1954), Universidade (800 KHz – 27/05/1968), Guarathan (860 KHz – 23/04/1960), Imembuí (960 KHz -13/02/1942) e a Medianeira (1130 KHz – 13/08/1960); seis da frequência FM: Antena 1 (93,5 MHz – 14/07/1980), Atlântida (94,3 MHz – 19/01/1980), Nativa (99,5 MHz – 27/04/1989), Medianeira (100,9 MHz – 05/08/1989), Aleluia (104,7 MHz – 15/06/1988. Surgiu como Rádio Pampa. Em agosto de 2006 mudou para Rádio Aleluia), Itapema (105,7 MHz – 09/07/1989, surgiu como Rádio 105, também foi chamada de Transamérica). Além disso, existem duas rádios comunitárias legalizadas: Carai FM (106,3 MHz – Associação Cultural de Divulgação Comunitária da Vila Tropical e Região Sul de Santa Maria que entrou no ar em 19/09/2004) e a Comnorte FM (106,3 MHz – Associação Cultural de Divulgação Comunitária do Bairro Salgado Filho e Região Norte de Santa Maria, desde 10/11/2006).

Com programação musical, cultural e jornalística as rádios criaram suas características próprias. A primeira tratar do tema meio ambiente foi a Rádio Universidade com o programa *Antes que a Natureza Morra*.

Idealizado por James Pizarro, o nome foi em homenagem ao livro do biólogo francês Jean Dorst, diretor do Museu de História Natural de Paris, considerado “leitura obrigatória” pelo agrônomo. Os primeiros programas a irem ao ar, em 1977, tinham uma hora de duração. Aos poucos o horário foi estendido há duas horas, aos sábados, das 10h às 12h, com reprises aos domingos.

O programa ficou durante 26 anos no ar e tratava sobre poluição, desmatamento, erosão, uso de agrotóxicos, problemas ambientais comuns hoje em dia, através de música, comentário e entrevistas. Recebeu homenagens como um prêmio da Fundação Roquete Pinto e nomeado pelo Ministério das Telecomunicações e pela Secretaria Especial do Meio Ambiente como o primeiro programa de educação ecológica da radiofonia brasileira.

Atualmente, em Santa Maria, existe o programa *Ecolândia*, da rádio comunitária Carai FM (106,3) ¹⁰. Veiculado desde 2006, aborda temas relacionados ao meio ambiente e qualidade de vida aos moradores da região sul da cidade, no bairro Urlândia.

¹⁰ <http://caraim.com.br/default/> Consulta dia 24 de abril de 2010.



O nome faz referência tanto ao local de origem como o sufixo “lândia” designa “terra, país ou região”. Produzido por acadêmicos de jornalismo da Universidade Federal de Santa Maria, vai ao ar toda sexta-feira às 18h, com reprise na segunda-feira às 6h, e duração de uma hora.

Com o slogan “o mundo que a gente vive” demonstra a amplitude dos temas ambientais e ao mesmo tempo remete ao bairro, ações simples que podem fazer a diferença. O programa traz entrevista, espaço para opinião do público com o quadro “Microfone Aberto”, reportagens e noticiário.

Em Porto Alegre, capital do Estado, existe o programa *Sintonia da Terra* produzido pelo Núcleo de Ecojornalistas do Rio Grande do Sul e pela Rádio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O programa é semanal, veiculado nas quintas-feiras, às 10h05min na Rádio da Universidade (1080 AM, Porto Alegre), e que pode ser ouvido através do site¹¹ da UFRGS. Temas como sustentabilidade, a convivência socioambiental e também alimentação ecológica, no quadro Ecologia na Mesa, fazem parte dos assuntos discutidos no programa.

A ÁGUA COMO FONTE: ATÉ ONDE VAI O DESPERDÍCIO?

Os problemas ambientais provocaram uma mudança social que gera um novo comportamento e reflexão sobre os recursos naturais. Há uma transformação em que novos valores e atitudes quebram de maneira lenta e progressiva, por isso a necessidade de mudança nunca foi tão importante. É preciso refletir que com a nova forma de ser e agir desse modelo de desenvolvimento das sociedades os recursos naturais não-renováveis do planeta vem se exaurindo, o que causa impactos sobre a qualidade de vida das pessoas. (TRIGUEIRO, 2005)

Nesse contexto é visto que a comunicação, que engloba a mídia e seus meios comunicacionais, tem um papel importante na mudança e na conscientização da população. A mídia que, por sua vez, deve e tenta ser uma ferramenta importante para a compreensão da realidade, despertando um olhar ecológico na sociedade.

Na era da informação é grande a responsabilidade dos jornalistas no sentido de denunciar os problemas que envolvem esse novo modelo de desenvolvimento e suas

¹¹ <http://www.ufrgs.br/radio/> Consulta dia 25 de abril de 2010.

consequências, assim como sinalizar soluções para seu público. Só a comunicação pode tirar a questão ambiental (tão delicada e polêmica) do isolamento, levando-a em pauta para a sociedade.

Um dos problemas mais sérios dentro da gama de riscos ambientais e ecológicos é o da água. A crise planetária envolvendo esse recurso é um dos maiores desafios desse século. Trigueiro (2005) explica que no ano de 2003 o Brasil entrou para a história como o ano dos mais impressionantes recordes nas exportações brasileiras na agricultura, pecuária e também como o maior produtor de aço da América Latina. A questão é que para todos esses setores a água está presente como fator crucial de produção. O autor diz que:

Para cada tonelada de aço produzida são necessários 15 mil litros de água. Nas granjas, para cada quilo de frango, 2 mil litros de água. No campo, para produzir um quilo de arroz gasta-se, em média, 1.500 litros de água[...] O boi, por exemplo, para chegar na fase de abate, com dois anos e meio, três anos, consome 100 mil litros de água. Evidentemente não é o boi que ingere essa água, mas a irrigação do capim etc., e está na conta do 100 mil litros (TRIGUEIRO,2005, p. 116).

Assim sendo, deve-se lembrar que o Brasil é um dos países no mundo que mais tem água. Então nenhuma dessas exportações seria viável sem a água. O problema, segundo Trigueiro, é que o desperdício de água é hoje uma das grandes ameaças ao futuro promissor da agricultura brasileira. "O Brasil ainda tem 90 milhões de hectares de área disponível para o plantio, mas ou o país muda radicalmente seus métodos de irrigação, ou vai pagar um preço muito caro" (2005, p. 117).

Mas os problemas fazem parte do cotidiano. As chamadas construções sustentáveis ou *greenbuildings* já são realidade em grandes cidades como uma solução viável na construção civil. São prédios e edificações com projetos sustentáveis em vários aspectos, inclusive no reaproveitamento da água. Trigueiro nos mostra exemplos de edifícios em São Paulo que apresentam projetos inovadores aonde toda a água para a lavagem de ruas, calçadas e para os jardins virá de uma cisterna que armazena a água da chuva. Outro benefício é a redução de custos que esse método proporciona, pois se substitui a água clorada pela água da chuva, pois ela não será ingerida e sim usada para outros procedimentos do dia-a-dia.

Segundo a Defesa Civil de Santa Maria a cidade de tem cada vez mais ocorrências de alagamentos em dias de chuva forte. Assim, entrevistamos especialistas na área que explicam quais regiões são mais afetadas, onde a água não tem onde escorrer, além de apontar soluções para amenizar esses transbordamentos. Como contraponto, o programa traz entrevistas com moradores do Passo do Verde, onde se vê que as enchentes são encaradas como fenômenos naturais, apesar de as pessoas que habitam a região terem consciência de que o acúmulo de lixo, por exemplo, agrava bastante a situação.

Uma iniciativa que pode amenizar o desperdício de água, e está mais próxima da nossa realidade, é a lavagem ecológica de carros. São diferentes formas de lavar os veículos com uso consciente de água. Estima-se que uma lavagem tradicional, com mangueira ou jatos de água, desperdiça em torno de 80 litros de água. Em Santa Maria encontramos duas opções para fazer a limpeza, uma que faz o aproveitamento da água da chuva e outra que não utiliza água.

A opção de lavagem a seco pode ser contestada por ambientalistas por fazer uso de produtos químicos, porém o dono da lavagem afirma que tem licenciamento ambiental e o selo da Anvisa em todos os produtos que utiliza. Para o trabalho é necessário apenas um balde de água, por carro, para a lavagem do pano de algodão com os qual é feita a limpeza.

Já a lavagem com água reutilizada pode considerada “mais ecológica” porque evita o desperdício, ainda mais quando todo sistema de captação faz uma nova filtragem da água antes do descarte no meio ambiente. Mesmo assim, para evitar o esbanjamento a engenheira ambiental Delmira Volf recomenda que o melhor é não utilizar mangueiras, e sim lavar o carro a mão, com panos e poucos baldes de água. Mas o que todos deveríamos fazer é criar um sistema de captação da água da chuva, principalmente para adaptar na rede hidráulica e utilizar na descarga do vaso sanitário.

A REUTILIZAÇÃO DO ÓLEO DE COZINHA

Por desconhecer que é um tipo de poluição, muitas pessoas acabam por despejar o óleo utilizado na cozinha de lares, restaurantes, padarias, nos ralos das pias. Com isso acabam por fazer um mal ao meio ambiente, principalmente às águas.

Consta em artigo realizado por Lopes e Bardin (2009) que o óleo de cozinha despejado na pia pode causar danos ao meio ambiente. A presença de óleo de cozinha nos arroios e rios torna mais difícil a troca de gases ocorrida entre água e atmosfera. Isto provoca a morte de seres vivos que necessitam de oxigênio para viver e são naturais destes habitats, como os peixes.

Outra consequência desse ato é o entupimento das redes de esgoto:

Por ser menos denso que a água, o óleo de cozinha forma uma película sobre a mesma, o que provoca a retenção de sólidos, entupimentos e problemas de drenagem quando colocados nas redes coletoras de esgoto (...) Se o produto for para as redes de esgoto encarece o tratamento dos resíduos em até 45% e o que permanece nos rios provoca a impermeabilização dos leitos e terrenos, o que contribui para que ocorram as enchentes. (LOPES e BARDIN, 2009, p. 1036).

Um ponto importante a ser destacado é que a decomposição do óleo de cozinha libera um gás que é um dos principais causadores do efeito estufa, o metano. Portanto, contribui para o aquecimento da Terra, porque o óleo de cozinha que muitas vezes vai para o ralo da pia acaba chegando aos oceanos pelas redes de esgoto. Segundo as autoras, quando entra em contato com a água do mar, esse resíduo líquido passa por reações químicas que resultam em emissão de metano. Assim, no mar, acaba ocorrendo a decomposição e a geração do metano, através de uma reação anaeróbica (sem ar) de bactérias.

Mas deve-se ter a consciência de que o óleo de cozinha é essencial no preparo de muitos alimentos. Além disso, segundo Krüger (2009), são uma fonte importante de vitaminas lipossolúveis, fornecimento de ácidos graxos essenciais e formação de hormônios esteróides. Porém, devem ser consumidos com moderação, pois nos processos de frituras, os óleos são expostos a vários fatores que levam à reações químicas indesejáveis tais como a hidrólise, oxidação e polimerização dos ácidos graxos e muitos outros compostos (SANIBAL & FILHO, 2009).

É por esses motivos que é necessário o descarte com maior frequência. Este é um fator muito preocupante, pois a falta de conscientização e muitas vezes de informação, faz com que estes óleos sejam descartados erroneamente, como já referido. Em artigo, Krüger afirma que:

Estimativas indicam que apenas 1% de todo o óleo usado no mundo é tratado. Os óleos utilizados podem e devem ter um destino mais nobre como de ser utilizado no processo de fabricação de tintas, cosméticos, detergentes e do biodiesel. A alternativa mais utilizada é a fabricação de sabões e detergentes, podendo ser feito de forma doméstica, sem a necessidade de grandes equipamentos (KRÜGER, 2009).

Para que se faça o reaproveitamento dessa gordura utilizada, é necessária, primeiramente, uma conscientização em escolas, restaurante e também nos lares. Diversas ONGs e entidades já fazem o trabalho de reciclagem do óleo. Em Santa Maria há cerca de dois anos, o projeto “Recóleo” realiza este tipo de atividade.

A empresa possui um programa de recolhimento de óleo de cozinha, com um funcionamento simples. Nele, a empresa dispõe de bombonas para residências e os interessados devem despejar o óleo em uma garrafa *pet*, após, armazená-la na bombona, com capacidade para 50 embalagens. Quando esta estiver cheia, a empresa recolhe o produto consumido e envia às companhias de fabricação de sabões.

DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL: DO LIXO À RECICLAGEM

À medida que a população aumenta o consumo de bens e a produção de lixo também crescem. Em uma época conduzida pelo consumo, o tipo de descarte dos produtos pode causar impactos negativos ao ambiente. Um problema que afeta, principalmente, as regiões urbanas onde, conforme o Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2000 (apud PEIXOTO, CAMPOS, D’AGOSTO, 2010), concentra-se 81% da população brasileira.

O acúmulo de lixo é um fenômeno exclusivo das sociedades humanas. Em um sistema natural não há lixo: o que não serve mais para um ser vivo é absorvido por outros, de maneira contínua. No entanto, nosso modo de vida produz, diariamente, uma quantidade e variedade de lixo muito grande, ocasionando a poluição do solo, das águas e do ar com resíduos tóxicos, além de propiciar a proliferação de vetores de doenças (HESS, 2002, apud Galbiati, 2010, p. 01, grifo nosso).

Hoje, em uma sociedade onde cada vez mais se dissipam a importância das questões ambientais, a coleta seletiva é uma alternativa para amenizar os problemas gerados pelo lixo. Ela se estrutura como um meio de reutilizar e aproveitar aquilo que é

descartado, isto é, bens oriundos do pós-consumo. “O conceito de lixo vem sendo modificado, podendo ser entendido como ‘algo que pode ser útil e aproveitável pelo homem’” (PEIXOTO, CAMPOS, D’AGOSTO, 2010, p. 15).

A coleta seletiva é considerada uma alternativa ecologicamente correta, pois aproveita resíduos sólidos que ainda podem ser reutilizados. Entre os benefícios da coleta seletiva estão: diminuição da extração dos recursos naturais, poluição do solo, da água e do ar, prevenção de enchentes, diminuição dos gastos com limpeza, entre outros.

Conforme o site Lixo.com, Salbetrai Caldroni, autor do livro “Os Bilhões Perdidos no lixo”, aponta a existência de coleta seletiva em 135 cidades brasileiras. A maioria das atitudes é oriunda de catadores de cooperativas ou de associações. As primeiras ações relacionadas à coleta seletiva de lixo no Brasil datam entre as décadas de 80 e 90, sendo a partir desta última, a criação de parcerias com associações e cooperativas de catadores (RIBEIRO, BESEN, 2006, p. 06).

Apesar da existência de associações, os principais responsáveis pela coleta de produtos que chegam até os pontos de reciclagem, de acordo com Ribeiro e Besen (2006, p. 07), são os catadores individuais. Pessoas excluídas pela lógica de consumo e que trabalham percorrendo as ruas dos municípios atrás de materiais que tenham condições de ser reaproveitados. A estimativa é de que a cada 100 brasileiros, um é catador. Em cada grupo composto de 10 catadores, existem três que pretendem dar continuidade ao trabalho de reciclagem, mesmo surgindo novas oportunidades de trabalho (LIXO.COM).

Marta Pimenta Velloso (2005) acredita que a inserção deste segmento social depende de alternativas produtivas que sigam a lógica de transformação social, política e cultural. Os catadores, quando organizados em associações ou cooperativas, podem tornar-se um pequeno grupo e, através dele, dar vazão ao seu processo de criatividade. Mas, para isso, necessitam de liberdade, auto-estima e pertença social. Contrapondo assim, a imagem negativa da sociedade sobre os catadores interage com a auto-imagem que ele formou de si próprio. (VELLOSO, 2005, p. 11).

O sistema de contêiner de coleta de lixo implantado, desde 2009, em Santa Maria não possibilita a reciclagem de lixo ou a implantação de uma coleta seletiva. Além disto, provoca problemáticas e críticas também encontradas em outras cidades,

como Pelotas. Em um estudo feito sobre tal meio, Valente, Duarte, Jahnke, Brito, Oliveira, Schubert e Xavier apontam uma disposição a cerca dos catadores:

Ainda, esta forma de coleta dificultou muito o trabalho de famílias que sobrevivem da coleta e venda do lixo reciclável, o que possibilitou ainda uma maior exposição dos indivíduos a patologias, que são provenientes do contato direto com o lixo, já que os catadores são obrigados a entrar nos contêineres, bem como vasculhar os sacos, separando o lixo seco do lixo orgânico (VALENTE, DUARTE, JAHNKE, BRITO, OLIVEIRA, SCHUBERT, XAVIER, 2010, p. 02).

A responsabilidade da coleta do lixo cabe as cidades. Em Santa Maria o sistema vigente é o containerizado. Tal implantação não amenizou problemas já encontrados no passado com as lixeiras, como o acúmulo de sujeira nos locais de descarte. Também não possibilita a separação seletiva dos resíduos. Para isso, a prefeitura municipal colocou nas ruas 15 coletores seletivos, mas já retirou de circulação alguns. Um número que não atende toda a população.

Um grupo de comerciantes da região Centro do município se mobiliza, desde o primeiro semestre de 2010, para reverter esta situação. Conforme a representante do grupo, a empresária, Maria Gorethi Moretto, os empreendedores estão sendo prejudicados pelo acúmulo de lixo ao redor dos contêineres, alguns encontram-se próximos à entrada dos estabelecimentos. A situação, considerada incomoda, também atrapalha os transeuntes que devem desviar da sujeira no chão e sentir o odor vindo das lixeiras, como os veículos, que tem as vias diminuídas pela presença das carroças dos catadores.

Mas não basta apenas a utilização de sistemas de reciclagem, é preciso conscientizar os cidadãos a partir de uma educação ambiental. Em pesquisa desenvolvida por Izabel Zaneti e Laís Mourão Sá, existe uma definição do termo “Educação Ambiental”, criada pela Conferência de Tbilisi, em 1977:

Um processo permanente no qual os indivíduos e a comunidade tomam consciência de seu meio ambiente e adquirem o conhecimento, os valores, as habilidades, as experiências e a determinação que os tornam aptos a agir - individual e coletivamente- a resolver os problemas ambientais (ZANETI e SÁ, 2010, p.04).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mais do que produzir uma série de quatro reportagens relacionadas ao meio ambiente, nosso trabalho buscou trazer a temática ambiental para o rádio na cidade de Santa Maria, mas não apenas dizer o que estava errado, como apresentar bons exemplos e mostrar que com atitudes simples podemos fazer a diferença.

Com esse projeto, desempenhamos o papel que tem a mídia, à medida que esta é responsável por transmitir informação e provocar uma consciência no nosso caso sobre a questão ambiental na sociedade.

REFERÊNCIAS

Associação Brasileira de Organizações Não-Governamentais (ABONG). In: http://www2.abong.org.br/final/livre.php?cd_materia=18034.

BARBOSA, A. Filho. **Gêneros radiofônicos**. São Paulo: Paulinas, 2003.

BERNA, Vilmar. **Desafios para a comunicação ambiental – Democratização da informação ambiental é fundamental**, 2010. In: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=579CID011>. Consultado em 11 de abril de 2010.

BIANCO, N. R. Del; MOREIRA, S.V. **Rádio no Brasil: tendências e perspectivas**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1999.
Lixo. Disponível em: www.lixo.com.br. Consultado em: 12 de junho de 2010

CORAZZA, Helena. **Relações de gênero em práticas radiofônicas**. São Paulo: PAULINAS, 2000.

DIZARD JR., Wilson. **Gêneros Radiofônicos – os formatos e os programas em áudio**. São Paulo: Ed. Paulinas, 2003.

FERRARETO, L.A. **Rádio no Rio Grande do Sul: anos 20, 30 e 40: dos pioneiros às emissoras comerciais**. Canoas: Ulbra, 2002.

FERRARETO, L.A. **Rádio, o veículo, a história e a técnica**. São Paulo: Editora Sagra, 2001.

GALBIATI, Adriana Farina. **O gerenciamento integrado de resíduos sólidos e a reciclagem**. Disponível em: <http://www.amda.org.br/objeto/arquivos/97.pdf>. Consultado em: 13 de junho de 2010.

IBGE. In: <http://www.ibge.gov.br/home/>. Consultado em 13 de abril de 2010.

GSD VECHIA, CM RODRIGUES, FVK MACHADO, G.GEHRES, J. OLIVEIRA, J. GELATTI, L.R. da ROSA, L.H. COLETTI, M. BERTOLDO, M. FALCÃO, M.F. AMARAL.

Programa Radiofônico Ecolândia: Jornalismo Ambiental em uma Rádio

In: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2009/expocom/EX16-0226-1.pdf>.

Consultado em 15 abril de 2010.

JACOBI, Pedro. **Meio Ambiente E Redes Sociais: Dimensões Intersetoriais E Complexidade Na Articulação De Práticas Coletivas**. Professor Associado da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Ciência Ambiental (PROCAM) da Universidade de São Paulo.

KRÜGER, Ana Paula. **Orientação quanto ao uso e recomendação para descarte correto de óleos comestíveis utilizados**. In: http://www.ufpel.tche.br/cic/2009/cd/pdf/CE/CE_00734.pdf.

Consultado em 15 abril de 2010.

LOPES, Roberta Cristina. BALDIN, Nelma. **Educação Ambiental para a Reutilização do Óleo de Cozinha na Produção de Sabão** – Projeto “Ecolimpo”, 2009.

MACHADO, Ana Paula. **O rádio sob os olhos de uma profissional do jornalismo**. In: <http://www.bocc.ubi.pt/~boccmirror/pag/bocc-velho-radio.pdf>. Consultado em: 12 de abril de 2010.

MEDITSCH, E. **O rádio na era da informação: teoria e técnica do novo radiojornalismo**. São Paulo: Insular, 2001.

Natureba. Disponível em: <http://www.natureba.com.br/coleta-seletiva.htm>. Consultado em: 12 de junho de 2010.

NEUBERGER, Lotário; Org. **Círculo de pesquisas literárias: Radiodifusão no Rio Grande do Sul**. Ed. Plátano, 1997.

PARADA, M. **Rádio: 24 horas de jornalismo**. São Paulo: Panda, 2000.

PEIXOTO, Karina; CAMPOS, Vânia Barcellos Gouvêa; D’Agosto, Márcio de Almeida. **Coleta seletiva e a redução dos resíduos sólidos**. Disponível em:

[http://www.ime.eb.br/~webde2/prof/vania/pubs/\(7\)coletaressolidos.pdf](http://www.ime.eb.br/~webde2/prof/vania/pubs/(7)coletaressolidos.pdf). Consultado em 12 de junho de 2010.

SAMPAIO, M. F. **História do Rádio e da TV no Brasil e no mundo**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.

PIZARRO, James. Blog **Antes que a Natureza Morra**. In: <http://antesqueanaturezamorra.blogspot.com>. Consultado em 24 de abril de 2010.

PRADO, Emílio. **Estrutura da informação Radiofônica**. São Paulo: Summus, 1989.

REIS, Fábio; RAMOS, Walma Nogueira. Cooperativas de tratamento de resíduos sólidos: uma proposta sustentável para o lixo. Disponível em:

www.eventosufrpe.com.br/jepex2009/cd/resumos/R1457-2.pdf. Consultado em: 13 de junho de 2010.

RIBEIRO, Helena; BESEN, Gina Rizpah. **Panorama da coleta seletiva no Brasil: desafios e perspectivas a partir de três estudos de caso**. Disponível em:

http://www.interfacehs.sp.senac.br/images/artigos/71_pdf.pdf. Consultado em: 12 de junho de 2010.

SETTON, Maria Graça Jacintho. **A educação popular: a cultura de massa**. In: <http://bocc.ubi.pt/pag/setton-maria-educacao-popular-brasil.pdf>. Consultado em: 23 de abril.

TRIGUEIRO, André. **Mundo sustentável: abrindo espaço na mídia para um planeta em transformação**. São Paulo, SP: Globo, 2005.

VALENTE, Beatriz Simões; DUARTE, Andrener Silva; JAHNKE, Dennis Silveira; BRITO, Carolina Mortagua de.; OLIVEIRA, Helen Rodrigues; OLDRA, Suelen De Aguiar2; SCHUBERT, Ryan Noremberg2; XAVIER, Eduardo Gonçalves. **A situação do sistema containerizado de coleta seletiva de lixo no município de Pelotas/RS**. Disponível em: http://www.ufpel.edu.br/cic/2009/cd/pdf/CH/CH_00061.pdf . Consultado em 12 de junho de 2010.

VELOSSO, Marta Pimenta. **Os catadores de lixo e o processo de emancipação social**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v10s0/a08v10s0.pdf>. Consultado em: 11 de junho de 2010.

VICENTE, E. **Gêneros e formatos radiofônicos**. In: bemtv.org.br Consultado em 15 de abril de 2010.

ZANETI, Izabel; SÁ, Laís Mourão. **A educação ambiental como instrumento de mudança na concepção de gestão dos resíduos sólidos domiciliares e na preservação do meio ambiente**. Disponível em: http://www.anppas.org.br/encontro_anual/encontro1/gt/sociedade_do_conhecimento/Zaneti%20-%20Mourao.pdf. Consultado em: 11 de junho de 2010.